

A CETOSE EM VACAS DE ALTA PRODUÇÃO

A cetose, também denominada de acetonemia, é uma doença metabólica que acomete vacas leiteiras, caracterizada por perda de peso, perversão do apetite, queda na produção de leite e distúrbios neurológicos, ocorrendo normalmente até a sexta semana de lactação.

Tanto vacas primíparas como múltíparas estão sujeitas à cetose, sendo mais comum na quarta lactação. É resultado de um balanço energético negativo nas seis semanas seguintes ao parto, devido à incapacidade da vaca assimilar nutrientes suficientes para suprir suas necessidades energéticas de manutenção e produção de leite neste período, resultando em um quadro de hipoglicemia.

Existe uma maior ocorrência em animais com predisposição genética, principalmente em vacas de alta produção, mas outros fatores predisponentes podem intensificar a incidência da doença, por limitar a ingestão de alimentos, além de poderem ocorrer concomitantemente. Entre eles incluem-se retenção de placenta, metrite, mastite, deslocamento do abomaso, "fígado gorduroso", estresse ambiental, problemas de casco etc. Considerando-se, ainda, os fatores de risco, deve-se destacar a baixa ingestão de energia, o excesso de proteína e vacas tendo seu parto em condições de gordura excessiva.

Além da cetose subclínica, são descritos dois tipos de manifestação clínica: a cetose consuntiva (ou de consumo) e a cetose nervosa.

O tipo consuntivo é o mais comum e caracteriza-se pela redução gradual do apetite e da produção leiteira, em cerca de dois a quatro dias. A vaca primeiro recusa-se a comer grãos, depois silagem, porém pode continuar a comer feno, havendo a possibilidade, ainda, da ocorrência de depravação do apetite. O peso corporal é perdido rapidamente e, em função do desaparecimento da gordura subcutânea, há perda da elasticidade da pele. As fezes mostram-se firmes e secas, a vaca apática e nota-se um odor característico de cetonas à respiração e freqüentemente no leite. A diminuição na produção leiteira pode chegar a 25%, com queda aguda no conteúdo de sólidos não-gordurosos do leite, e por mais que o animal se recupere, a produção normal dificilmente se restabelece.

Nos casos típicos da forma nervosa, os sinais clínicos têm início repentino e incluem marcha em círculo, afastamento ou cruzamento das pernas, cegueira aparente, movimentos vagos ou distraídos, apoio da cabeça contra um mourão, apetite depravado, movimentos mastigatórios com salivação, sensação dolorosa, tremor e tetania moderados e marcha cambaleante.

Nos casos subclínicos são comuns a diminuição de 1 a 1,5 litros de leite diários (que podem representar entre 200 e 300 litros de leite na lactação) e a redução da fertilidade, devido principalmente à disfunção ovariana e ao desenvolvimento de endometrites.

O tratamento baseia-se na terapia de reposição de glicose, por meio de injeção intravenosa de glicose a 50%, mas as recidivas são comuns. Dessa forma, o manejo alimentar adequado serve como medida de prevenção e inclui:

- As vacas devem dar cria em boas condições, nem muito gordas, nem muito magras, sendo ideal um escore de condição corporal de 4;
- Vacas estabuladas devem fazer algum exercício diariamente;
- Garantir o fornecimento adequado de minerais e vitaminas, principalmente cobalto, fósforo e iodo; e
- Utilização de monensina e niacina como agentes preventivos da cetose nos primeiros 100 dias de lactação.

Fonte: Departamento Técnico - Nuvital